O conto de fadas no desenvolvimento da oralidade em alunos do ensino especial**The fairy tale in the development of orality in students of special education**

Recebimento dos originais: 12/02/2019

Aceitação para publicação: 19/03/2019

Marta Brügger

Instituição: Secretaria de Estado de Educação do DF

E-mail: martabrugger1@yahoo.com.br

Keila Núbia Barbosa Ibrahim Abdelkarem

Instituição: Universidade de Brasília – UNB

E-mail: Keila.nubia@hotmail.com

RESUMO

Este artigo teve como objetivo analisar o processo ensino-aprendizagem por meio do eixo da oralidade utilizando-se da contação de estórias infantis para alunos com necessidades especiais, Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD). A pesquisa foi feita com alunos de nove e treze anos em uma escola pública do DF utilizando como exemplo a História de Chapeuzinho Vermelho. A metodologia utilizada foi uma pesquisa-ação. O ser humano é multifacetado, traz em sua composição dificuldades e facilidades para aprender. Ao professor fica a responsabilidade de construir um olhar que o possibilite enxergar seu aluno como um todo e que tendo a habilidade de lançar esse olhar, busque caminhos e estratégias diversas para adentrar ao universo do educando. Por meio da divulgação de ideias como as de Freire e Vygotsky, como da mediação e da internalização, vem-se configurando uma visão essencialmente social para o processo de aprendizagem. Numa perspectiva histórico-cultural, o enfoque está nas relações sociais. É por meio da interação com outros que a criança incorpora os instrumentos culturais. A percepção da oralidade e da escrita enquanto práticas sociais da linguagem revelam a educação na língua materna como competência comunicativa do aluno para atuação em diferentes contextos. Observou-se que as atividades orientadas à oralidade são positivas para potencializar linguística e socioculturalmente a todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem, assim como na elaboração de estratégias linguísticas a partir de situações, temporalidades, ambientes de convívios e personagens que compõem a sua leitura, o seu “estar” no mundo.

Palavras-chave: Contação de Estórias; Aprendizagem; Oralidade.

ABSTRACT

This article main objective was to analyze the teach-learning process thru its orality axis using storytelling in pupils with special necessities, bewildered by Pervasive Developmental Disorder (PDD). The research has been done with pupils with age between nine and thirteen years old in a public school of Brasília, DF, using as example the Little Red Riding Hood fairytale and used a research-action methodology. The human being is multifaceted, internalizing difficulties and easiness to learn. To the schoolteacher falls the responsibility to

construct an educational vision that allows him to perceive its pupil as a whole using diverse strategies to enter the educational universe. Spreading concepts of Freire and Vygotsky, as a mean for mediation and the internalization, the teacher can configure an essentially social vision for the learning process. In cultural a historical perspective, his approach is in social relations because it is thru interaction with others that the child incorporates the society cultural instruments. The perception of orality and writing while social practices of the language disclose the education in the native language as a communicative competence of the pupil for performance in different contexts. It was observed that the activities guided to the orality are positive socioculturally to harness linguistic skills to all involved in the teach-learning process, as well as in the elaboration of linguistic strategies from situations, temporalities, social spaces and characters who compose its reading, its “to be” in the world.

Keywords: Storytelling; Education; Oral tradition.

1 INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa é da intervenção pedagógica no eixo da oralidade junto a crianças com necessidades especiais em processo de alfabetização. Este relato é apresentado a partir de experiências vivenciadas em uma Escola da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal, Anos Inicias, localizada em uma Coordenação Regional de Ensino da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal-SEEDF, localizada na Asa Norte da cidade de Brasília, D.F. durante o ano de 2017.

O interesse por essa pesquisa surgiu quando se observou que as crianças portadoras de TGD chegavam à escola e não demonstravam interação entre seu mundo e as vivências escolares. Desta observação surgiram grandes interrogações: Será que a contação de histórias infantis, por meio de uma proposta lúdica que privilegia recursos visuais tais como fantoches e máscaras entre outros mais poderá despertar o imaginário da criança com TGD? Será que este tipo de intervenção poderá oferecer uma ampliação do imaginário, do vocabulário e também o interesse pelas aulas? Como uma intervenção pedagógica de forma oral pode despertar ao mesmo tempo a oralidade e capacitar o indivíduo com TGD ao prazer pela leitura?

Partindo da hipótese que a atividade de contação de histórias, intermediado pela professora, valoriza tanto as dinâmicas socializadoras como as práticas leitoras nas ações desenvolvidas na sala de aula e por consequência, obterá resultados positivos e encorajadores, este trabalho teve por objetivo geral comprovar que o emprego da oralidade por meio da contação de histórias em sala de aula cria um ambiente prolífero para as crianças especiais com diagnóstico de Transtorno Global do Desenvolvimento ou TGD se socializarem melhor e participarem com maior desenvoltura das práticas de alfabetização e de letramentos. Para facilitar a obtenção deste objetivo, estabeleceram-se como objetivos

secundários demonstrar que a linguagem é um instrumento facilitador para o estabelecimento de relações entre as pessoas por meio da fala, que as ações de oralidade em sala de aula ajudam a na aquisição da escrita e observar como as atividades orais de contação de história são realizadas em sala de aula.

Para alcançar o objetivo proposto, as pesquisadoras utilizaram-se dos pressupostos teóricos da Pesquisa Qualitativa considerando os princípios da pesquisa participativa de cunho etnográfico com observação *in loco*. O estudo foi feito com alunos portadores de TGD e teve como proposta observar como o contexto da contação de histórias em sala de aula pode propiciar, por meio da oralidade, o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças em processo de alfabetização. As observações ocorreram no período de março a maio de 2017 sob o Projeto de contação de Histórias Infantis e as visitas a turma ocorreram duas vezes por semana.

2 DESENVOLVIMENTO E DEMONSTRAÇÃO DOS RESULTADOS

Entre todas as conquistas destas últimas décadas, talvez a de maior repercussão social tenha sido a garantia do acesso de crianças com desenvolvimento atípico à matrícula no sistema regular de ensino. Mesmo, com todos os desafios impostos tanto para a organização de sistemas educacionais, quanto para a efetivação de processos de ensinar e aprender tal conquista está de tal forma disseminada que, hoje em dia, “inclusão” se confunde com a inclusão escolar para pessoas especiais, (COELHO, 2011).

O reconhecimento das diferenças e a conscientização acerca da garantia de igualdade de oportunidades orientam para uma política permeada pela ética de inclusão, ou seja, a concretização de atitudes que favoreçam que os indivíduos possam ser iguais, inclusive para exercer o imperativo da ética de inclusão, de que as pessoas com necessidade educacionais especiais têm o direito de tomar parte ativa na sociedade, com oportunidades iguais às da maioria da população. Desta forma, vale ressaltar a importância que o professor tem em dar sentido em vivências que possibilitem ao aluno interagir e comunicar.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil explicita que as crianças podem ser auxiliadas desenvolver suas capacidades de raciocínio para resolver diferentes problemas na medida em que seus educadores lhes deem a oportunidade de vivenciar tais situações na forma de brincadeiras imaginárias criadas por elas mesmas. Ao dar-se tal oportunidade de brincar, “a criança pode criar um espaço no qual ela pode ter uma visão e

uma compreensão sobre as pessoas, os sentimentos e os diversos conhecimentos apresentados a elas” (BRASIL, 1998, p.23).

Neste contexto de aprendizado, os ensinamentos de Vygotsky se mostram extremamente sensibilizadores. Aprender é uma necessidade psicológica humana que se manifesta desde o nascimento. O aprendizado ocorre quando um indivíduo entra em contato com um ambiente cultural estabelecido. No caso desta pesquisa, o ambiente é a escola, a sala de aula. É neste local que ocorrerão os processos de ensino-aprendizagem. A escola é a instituição que a sociedade criou transmitir conhecimentos estabelecidos, para consumir intervenções que conduzem à aprendizagem (VYGOTSKY, 1984).

Nessa perspectiva, o olhar pedagógico comprometido, abrange o respeito à diversidade e a singularidade das necessidades individuais do aluno como um ser completo, com suas dúvidas e certezas, dificuldades e facilidades que envolvem as interfaces do saber. Perceber a importância do professor na mediação de textos lidos ou imagéticos aos conhecimentos prévios vividos pelos alunos facilita a compreensão do texto lido contribuindo na apreensão de conteúdos significativos.

Deste modo, professor e aluno devem estar ligados a um mesmo pensamento, isto é, o professor deve conhecer seu aluno para que consiga utilizar a melhor estratégia pedagógica. Ter em vista a percepção e o juízo de nossos alunos nos permitirá entrar melhor no mundo deles. (MORALES, 2003, p.35).

Escutar, falar e ler implica etapas formativas integradas pelos modos de pensar e sentir conhecimentos novos e anteriores organizando permanentemente concepções e ações educativas no ato de aprender. Os modos de ler, ver e escrever o mundo integra concepção, práxis e teoria com o percurso existencial do educador que devem partir das memórias escolares e leituras vividas do educando como fatores significantes na atuação dos educadores.

O processo de ensino-aprendizagem deve buscar relações específicas de individualidades. Professores e alunos na perspectiva de entidades construtivas serão os contadores, leitores e escritores, dos trajetos que cada um edificou em suas histórias de vida. Leituras e experiências daqueles que são sujeitos da aprendizagem – professor e aluno – são recortes existenciais que devem apontar um sentido para o trabalho pedagógico. Evidenciações dialógicas exercitam reflexões criadoras a partir do que se vive e do que se aprende – aprender o que se vive e se tornar sujeito vivo na aprendizagem. Não há mais um “apropriador” nem tampouco um “receptor”, mas:

... uma realidade histórica e cultural humanizada pelo diálogo, pela confiança que depositam entre si e, acima de tudo, pelo testemunho que um sujeito dá aos outros de suas reais e concretas intenções, tornando ação aquilo que as palavras dizem e, ao mesmo tempo, chamando a si a responsabilidade dessa sua práxis (FREIRE, 1980, p. 43).

O ensino e a aprendizagem são possíveis mecanismos de produção de conhecimentos em suas relações com processos educativos e culturais. Práticas pedagógicas singulares, leituras, imagens e experiências enriquecem recursos didáticos que devem compor o espaço escolar.

A contação de histórias proporciona o desenvolvimento da imaginação, a capacidade de escuta, a emoção, além da construção da identidade. Mesmo com os avanços tecnológicos, as histórias exercem um fascínio, devido às tramas da narração. Para ser um contador de histórias, não é necessário ter dom, mas é necessário ter sensibilidade e poder de encantamento (MAINARDES, 2008).

As histórias infantis contribuem para que criança compreenda seus desejos e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Cada criança pode tirar proveitos diferentes do mesmo conto dependendo de suas necessidades momentâneas, pois eles ajudam a lidar com dificuldades do crescimento infantil e da integração da personalidade. Tais temas são vivenciados como maravilhas porque a criança se sente entendida e apreciada bem no fundo de seus sentimentos, esperanças e ansiedades, sem que tudo isso tenha que ser puxado e investigado sob a luz austera de uma racionalidade que está aquém dela". (BETTELHEIM, 2004, p. 27)

A mudança de um paradigma social faz emergir, portanto, um contexto educacional desafiador e contraditório que, urgentemente, reclama valores e crenças sobre a aprendizagem humana não como um fenômeno único e homogêneo, mas como uma atividade complexa que manifesta a diversidade das modalidades do aprender. De maneira convergente, exige o desenvolvimento de princípios pedagógicos que permitam aos sujeitos envolvidos, a organização de forma singular para o enfrentamento de questões desafiadoras ao longo do processo de aprendizagem (COELHO, 2011).

Desta forma, a criança tem a possibilidade de encontrar a si mesma na forma do herói da história de contos de fada que lhe é contada e também ao outro com quem conviverá de forma feliz para sempre, sem apreensões e tormentos, porque jamais se separarão. Igualmente, a contação de história, ajudará a que ela entenda a sua mente, consciente e inconsciente, aproximando-a de uma existência independente abandonando suas dependências da infância.

3 METODOLOGIA DAS OBSERVAÇÕES

Esta pesquisa, de cunho pesquisa-ação foi feita com alunos de nove e treze anos diagnosticados com TGD de uma escola pública em Brasília trata das conversas entre a professora e alunos da Classe Especial. Como referência, se apresenta uma destas conversas depois que eles escutaram uma história sobre “Chapeuzinho Vermelho”, assim como filmes que apresentaram versões distintas desta mesma história. Entre os instrumentos utilizados em sala de aula para promover estes diálogos ressaltam-se a construção de cenários, figurinos e sonoplastia para promover dramatizações do conto de fadas. Atividades posteriores envolveram o uso de músicas e suas letras e atividades com o uso de quebra-cabeças e relatos de diversas situações do cotidiano relacionando-os com o tema da história numa sequência lógica dos fatos.

Segundo Franco (2012), inexistente pesquisa ação sem participação. A participação em questão, em seu sentido epistemológico, valoriza a percepção de que o indivíduo somente pode conhecer o mundo que o cerca quando interage com ele. A atuação do pesquisador não pode desconsiderar fatores de cunho emocional, sensorial, imaginativo e racional na concepção do seu trabalho como no estabelecimento de suas conclusões.

Os fundamentos conceituais e metodológicos dessa pesquisa foram dirigidos para vivências pedagógicas singulares com os educandos por meio de exercícios de leitura – contação de histórias - filmes - interpretação e exposição oral individual e coletiva. Uma pedagogia culturalmente sensível às diferenças que tem em consideração as circunstâncias transformadoras dos sujeitos aprendizes. A oralidade é o sustentáculo para a mediação de temas emergentes com conteúdos sistematizados. Signos textuais decodificam modos peculiares de descoberta do pensamento a partir da imagem, da leitura de mundo e da palavra.

A professora preparou seus instrumentos de intervenção antes do momento da contação, ou seja, um mapa conceitual com gravuras a fim de memorizar a história, pois no momento, ela sempre fica com o livro aberto para que as crianças acompanhem as gravuras. A leitura da história é planejada anteriormente, para que ela não só domine a história, como também possa preparar o material apresentado.

Ao longo de seis meses as histórias infantis foram contadas sempre de forma muito criativa e lúdica, foi utilizado amplificador e microfone e ainda rádio de comunicação (walk talk), sempre primando pela sonoplastia que trouxesse emoção para a narrativa, ambientando assim os alunos ao contexto da história.

No dia 12/05/2017, a professora deu início à aula lembrando aos alunos que a história do Chapeuzinho Vermelho já tinha sido contada anteriormente e que não era um tema novo, mas serviria para reforçar a estória e alcançar uma nova possibilidade por parte dos alunos. A professora recontou a história para lograr uma nova exposição oral dos educandos naquele dia.

Esta construção teve por finalidade alcançar a relevância do eixo da oralidade. A fala de cada aluno será identificada com um “A” seguido de um número. A fala da professora será identificada com um “P”.

P - Já conversamos sobre a história de Chapeuzinho Vermelho e a vovó. Agora é sua vez de contar.

A¹ - Era uma vez uma menina muito brincalhona e sua mãe pediu para ela ir levar uns doces para a vovó. Ela foi pelo caminho errado que era a floresta. A Chapeuzinho Vermelho encontrou um lobo. O lobo Brodbary era perigoso e resolve ser amigo, foi para a casa da vovó. Chapeuzinho perguntou para a vovó: Vovó que olho grande, que boca grande. Mas era o lobo. É para te comer... Chapeuzinho saiu correndo. Apareceu um caçador e salvou a Chapeuzinho.

P - Meninos, vocês viram a capa do livro. O que tem nela? O que tem desenhado?

A¹ - Tem o lobo.

P - Vamos ver o que tem mais? Vamos ver. Cada um fala uma coisa.

Será que isso é a barriga dele?

A¹ - É. É os dentes e a barriga dele.

P - Será que ele era barrigudo?

A¹ - Ele era barrigudo e eles tinham que explodir aquela casa.

A² - A língua dele, a barriga dele e o rabo dele.

A¹ - Ele era muito mau. O que aconteceu com o lobo ele faz maldade com as crianças.

A² - Faz maldade com as crianças. Coitadinhas. Ele tem duas orelhas e dói dentes para mastigar

P - Quem ele quer mastigar?

A¹ - A Chapeuzinho. Era tudo faz de conta.

P - Escuta, não tem outro personagem? Só tem a mãe e a avó? Mas não tem outra personagem?

A¹ - Tem um monte de coisa. Ele vai devorar a vovó. Era tudo faz de conta

A² - A vovó estava doente. Só isso. RRRRAAAA. Ele era bravo. Olha a cara dele aqui.

A¹ - Cara de bravo

P - Quem tinha cara de bravo e que coisa ele iria fazer?

A¹ - Ele ia deitar na cama da vovó pra fazer travessuras.

P - E o que ele disse?

A¹ - Que olhos tão grandes você tem e foi correndo chamar a sua mãe.

P - Hum! Só isso? E como foi o final da estória?

A¹ - Foi espantosa e que é que aconteceu? O Lobo ia comer a Chapéu e ia fazer picadinho da Chapéu.

P - E o que é picadinho?

A¹ - O lobo ia devorar a Chapéu

P - O que você quer dizer com picadinho

A¹ - Ele era mau. E ele ia devorar porque não queria conversa com ela. Por isso é que vamos ter cuidado.

A² - Não fale com estranhos.

P - Tinha mais alguém nessa historia?

A² - Não

A¹ - Tinha. O caçador que ele ia caçar os lobos

P - Os lobos ou o lobo?

A¹ - O lobo. Ele tinha dentes afiados e é por isso que nos não vamos pela floresta.

P - E você A²?

A² - Eu não fui para casa da minha avó porque é muito escuro

P - Vocês sabem a cor do olho do lobo?

A² - Preto. A cor do olho é preto e a língua é vermelha. A¹ disse que ele usava gravata.

P - Porque que você acha que ele usava gravata?

A¹ - Porque ele estava tramando alguma coisa. Ele estava tramando o lobo se vestiu de vovó e tudo era faz de conta e eles conseguiram se salvar do lobo. Foi por pouco, mas eles conseguiram se salvar.

O diálogo acima exemplifica uma das atividades realizadas em sala de aula que possibilita compreender o impacto desta intervenção planejada e controlada no cotidiano do alunado. A partir desta conversa, a estratégia de ludicidade foi ampliada, passando a ter a teatralidade e os elementos agregadores como sonoplastia e enredo como fundamentais na

contação das histórias infantis. Percebeu-se que por meio da expressão oral do alunado que a atividade realizada cumpriu o seu propósito.

4 RESULTADOS

Os resultados enfatizam o desenvolvimento de uma postura reflexiva por parte dos alunos atendidos, permitindo a cada indivíduo encontrar a si mesmo, no roteiro da produção do saber através de suas vivências, desencadeando assim, uma autodescoberta impulsionada por dinâmicas de desafios constantes. A emoção do novo descobrimento irrompe então, como prática pedagógica amadurecida pela reflexão, convergindo para a construção da identidade na diversidade. Assim, o educando demonstra estar comprometido com sua própria aprendizagem à medida que foi possível observar as relações de interação entre professora e alunos no contexto da contação de histórias que favoreceu a aprendizagem e o desenvolvimento infantil, as crianças passaram a se expressarem com mais propriedade, ampliando o vocabulário e com desenvoltura. Sendo claros e objetivos quando necessários, e com elementos de argumentação.

A partir destas intervenções notou-se que os alunos passaram a ter uma expressão oral mais efetiva, com vocabulário ampliado e capacidade de expressão diferenciada. Os outros elementos de cunho criativo utilizados nas intervenções como fantoches, dramatizações, músicas, construção de figurinos, cenário e sonoplastia, letras das músicas, quebra-cabeça e brincadeiras relacionados com o tema da história infantil contada também possibilitaram novas formas de abordagem à história e sua representação.

Por meio da participação das crianças, o interesse pela leitura se manifestou de forma mais intensa a cada encontro. Se observava, além da ampliação do imaginário, uma significativa melhora na oralidade e interesse pelas intervenções. O interesse e a sensibilidade dos alunos com a atividade da contação de história fazia com que eles se concentrassem na história apresentada, ampliando suas interações com o mundo. Por meio do convívio social oferecido pela prática de contar histórias, os educandos desenvolviam a cada sessão suas capacidades cognitivas e afetivas uma vez que a interação promovida pela atividade atendia suas necessidades físicas e psicológicas.

A dedicação do grupo nas suas apresentações teatrais aonde fazia a sua releitura das histórias contadas e as interpretavam com o auxílio de diferentes materiais visuais como painéis e fantoches, além de comprovar que prestavam atenção do início ao fim da leitura, demonstraram que assimilavam os conteúdos apresentados.

A avaliação foi realizada à medida que o grupo se envolvia nas atividades. A aprendizagem era apreciada pela aquisição e aprimoramento de diferentes habilidades de todos que participavam como das competências de ouvir e de se expressar, da imaginação e criatividade, da interação social por meio da troca de ideias que se manifestavam na forma de diálogos interativos que permitiam, por sua vez, a novas possibilidades de diálogo entre o ouvir e o expressar.

A expressão escrita também melhorou consideravelmente. Suas produções textuais refletiram a amplitude do alcance da intervenção com histórias infantis em promover a criatividade. A partir da proposta da contação de histórias, as habilidades e competências da leitura e da escrita alcançaram um novo patamar.

5 CONCLUSÃO

O enfrentamento das jornadas complexas que hoje se descortinam na aprendizagem humana exige destemida predisposição para atravessar os labirintos, romper com tradições institucionalizadas e fazer surgir singularidades que evidenciam as conexões, os jogos de força, os bloqueios e os encontros. Essas estratégias constituem vertentes dissonantes de sujeitos ocultos na história dotados de sentidos, afetividades e emoções. Relacionam conhecimentos, atividade reflexiva e imaginação. E dessas interfaces os espaços pedagógicos se tornam múltiplos enquanto domínios de referenciais para se esclarecer diálogos e círculos – brechas, lacunas e vazios que anunciam significados periféricos hoje rumam como feitos norteadores para a construção da aprendizagem. Aflora-se com isso, capacidade de conduzir o sujeito a descoberta da individuação. É o sujeito então que deflagra seus elementos constitutivos no ato de aprender a partir de instrumentos que ativam a reflexão como prática dialógica.

Verificou-se que oralidade foi desenvolvida e ampliou se a habilidade de expressão dos alunos. Suas capacidades de interação e compromisso com o grupo indicaram um amadurecimento das relações sociais. Por meio da leitura, os estudantes aprimoraram sua capacidade de escrita e também aumentaram o seu vocabulário na língua materna. A intervenção de contação de histórias infantis, assim como o prazer pelo imaginário infantil e pelo teatro que compõem o processo de contação, proporcionaram uma melhoria da aprendizagem efetiva.

O diferencial neste trabalho foi a ludicidade, a partir da contação de histórias infantis, os alunos especiais com TGD ampliaram o vocabulário, se encantaram pelas belas histórias

infantis, ampliaram a capacidade de oralidade e compreensão, além de sair das aulas rotineiras, proporcionando um momento de encantamento e magia. A contação de histórias infantis priorizou no caso relatado a ludicidade e teatralidade na abordagem. Embora cada intervenção tenha tido um cunho próprio e especial, todas foram amparadas pelos recursos visuais e de áudio. Fundamentalmente os alunos com TGD devem ser atendidos de forma a ampliar o imaginário.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanalise dos contos de fadas**. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

CAMARA, Tania Maria Nunes de Lima. Gêneros Oraís na Sala de Aula da Educação Básica: Abordagem nos Livros Didáticos e Reorientação Metodológica. **Linguística Textual e Pragmática**. Rio de Janeiro: Cifefil, 2014

CHAER, Mirella Ribeiro; GUIMARÃES, Edite da Glória Amorim. A importância da oralidade: educação infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental. **Pergaminho - Centro Universitário de Patos de Minas**, (3):71-88, nov. 2012

FRANCO, M, I. **Educação Ambiental e pesquisa ação participante**. Annalume Editora, 2012.

FREIRE, P. **Educação com prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. 10. Ed.

MAINARDES, R.de C. A. **A arte de contar histórias: Uma teia mágica que enreda leitores**. Material organizado para o Seminário de Formação de Professores: Desafios e Perspectivas da Secretaria Municipal de Educação de Fazenda Rio Grande. Retirado em 01/06/2008

MORALES, P. **A relação professor-aluno: o que é como se faz.** São Paulo: Edições Loyola, 2003.

SANTOS, Maria Gabriela da Silva; FARAGO, Alessandra Corrêa. O desenvolvimento da oralidade das crianças na Educação Infantil. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, Bebedouro-SP, 2 (1): 112-133, 2015.

SOUZA, Maria Betânia Dantas de; CAMPÊLO, Márcia Rejane Brilhante. **A Oralidade nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental de Língua Portuguesa:** algumas considerações. Departamento do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2011. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/shXIX/anais/GT15/A%20ORALIDADE%20NOS%20ANOS%20INICIAIS%20DO%20ENSINO%20FUNDAMENTAL%20DE%20L%20LINGUA%20PORTUGUESA..pdf>>. Acesso em: 15 jun 2017.

VIGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.